

DADAÍSMO

“Dada não significa nada.”

“Dada não significando nada, significa tudo.”



1. Marcel Duchamp

2. Marcel Duchamp: *Fonte*, 1917, urinol de porcelana, 23,5 X 18 X 60 cm

“O termo nada significa”

O Dadaísmo reclama não possuir história, tradição ou método. História, porém possui-a, visto ter estado circunscrito quer no espaço, quer no tempo, “lugares” precisos nos quais se sucederam factos concretos. A sua tradição pode considerar-se que remonta ao Romantismo, no que diz respeito ao ideário subjacente à sua produção artística, partilhando com a “forma de espírito” do século XIX, quer a rejeição do racionalismo, quer um pessimismo exacerbado. Por fim o seu método: provocar, chocar e escandalizar. Destruir, porque pela destruição também se cria.

“Dadá é a vida sem pantufas nem paralelos: quem é contra e pela unidade e decididamente contra o futuro; nós sabemos ajuizadamente que os nossos cérebros se tornarão macias almofadas,

que nosso anti dogmatismo é tão exclusivista como o funcionário e que não somos livres e gritamos liberdade; necessidade severa sem disciplina nem moral e escarramos na humanidade.”

Assim começa o “Manifesto do Senhor Antipirina”, o manifesto dadaísta escrito por Tristan Tzara, o mais radical de todos os movimentos de vanguarda.

O Dadaísmo é um movimento caracterizado pela oposição a qualquer tipo de equilíbrio, e encerra um exercício extremo de negação, que rejeita inclusivamente a sua acção, ou seja, é uma intervenção artística que se auto rejeita, por possuir como máxima a negação emergente de tudo, sem que qualquer excepção confirme a regra.

Uma das qualidades de vários movimentos sur-



5-Marcel Duchamp: *O Secador de Garrafas*, ready-made, 1911;



7-Marcel Duchamp: *Roda de Bicicleta*, 1913, 125 cm de altura;



6- Raul Hausmann: *O Espírito do nosso tempo*, 1920;

interessadas na seriedade da arte, mas na realidade muito susceptíveis a abalos.

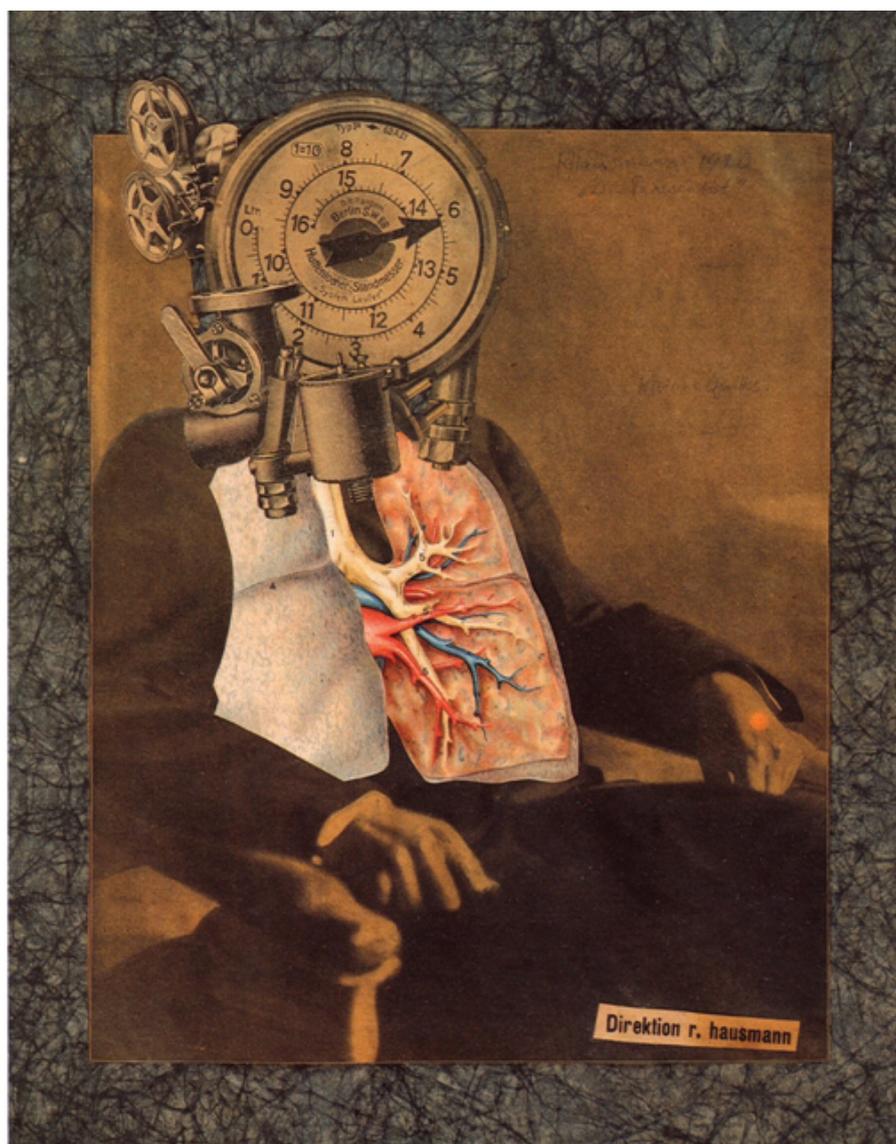
É sintetizando, um movimento marcadamente iconoclasta, que reduz os símbolos ao vazio e os ídolos à ilusão, e que espicaça agressivamente a sociedade de forma a leva-la a uma introspecção metódica, que lhe permita encaminhar novamente o desviado.

O movimento regesse pela combinação de um pessimismo irónico e de uma ingenuidade radical. De um cepticismo defensivo, utilizado como protecção no meio da catástrofe, de forma a manter-se a lucidez; e da improvisação absurda, enfatizado sempre o ilógico, o incongruente, o incognoscível sob um ponto de vista racional, em especial na

margem de subjectividade por onde deambula a burguesia do primeiro quartel do século XX.

Dada reivindica liberdade total e individual, é anti-regras e ideias, não reconhecendo a validade, nem do subjectivismo, nem da própria linguagem.

Os seus artistas são conscientemente subversivos: ridicularizam o gosto convencional e tentam deliberadamente dismantlar as artes para descobrir em que momento a criatividade e a vitalidade começam a divergir. Defendiam o espontaneísmo absoluto e o corte radical com o passado, através da intuição e do absurdo (nonsense) e da anti-arte. Afirmaram através de um não conformismo levado ao extremo, e ao escândalo voluntário, a sua decisão de colocar tudo em causa, quer social-



8-Raul Hausmann: *Auto-Retrato do Dadásofo*, 1920;

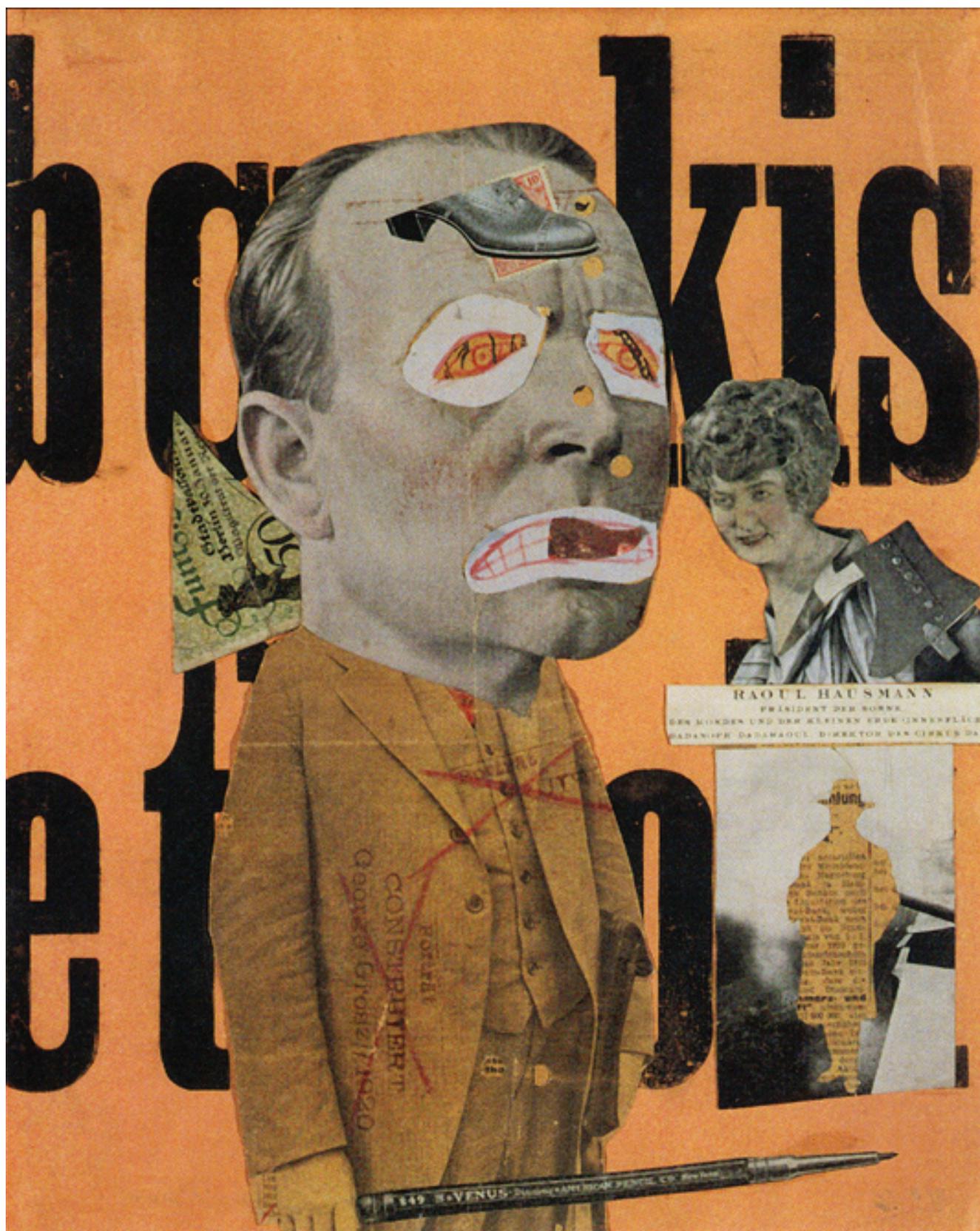
mente, quer ao nível das formas de arte, através de actuações e da criação de objectos extravagantes e despropositados.

O Dadaísmo é desde a sua génese, até ao seu desvanecimento, destrutivo e construtivo, frívolo e sério, artístico e antiartístico.

O cerne do impulso destruidor, latente no dadaísmo encerra a denúncia das fraquezas da sociedade europeia, a recusa dos valores racionalistas da burguesia, a desmistificação da arte, a negação da lógica, da linguagem, da arte e da ciência e por último a abolição da memória, da arqueologia, dos profetas e do futuro.

Apesar de efémera, a arte dadaísta foi eficaz e preparou o terreno para movimentos vanguardis-

tas tão importantes como o surrealismo, a arte Pop e a arte conceptual, que muito deve aos Ready-Mades de Marcel Duchamp, ao instigarem a que a arte fosse repensada, ou seja, que a nível teórico se proporcionasse uma discussão séria e necessária à evolução da concepção artística. A arte definitivamente é um conceito mental, e a sua racionalização depende da capacidade conceptual que está inerente a cada indivíduo.



9-Raul hausmann: *O Crítico de Arte*, 1919-20, litografia e colagem fotográfica em papel, 31,8 X 25,4 cm;

ESTILOS DE VANGUARDA



DADAÍSMO



Lúcia Custódio

DESIGN GRÁFICO